REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

# A psicanálise como "antipsicologia" e o esclarecimento como mito: a crítica do sujeito psicológico, segundo Theodor W. Adorno

*Psychoanalysis as "antipsychology" and enlightenment as myth: the criticism of the psychological subject, according to Theodor W. Adorno*

João Pedro Azevedo Lima

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br

http://lattes.cnpq.br/3103733390493509

**Resumo**

Para Adorno e Horkheimer, é constitutivo ao Esclarecimento (*Aufklärung*) um imperativo de síntese, isto é, ele confina a multiplicidade do efetivo a certos princípios. Para este projeto, o homem se tornaria o senhor do universo ao dominar completamente a natureza, e conquistando-a pelo uso da razão instrumental. Todavia, o homem também é submetido por esse mesmo processo: tal qual ocorre com os diversos fenômenos naturais, todas as pulsões humanas são reduzidas a um único princípio, a saber, o princípio do Eu (*das Ich*). Assim, o presente artigo procederá em dois momentos: primeiro, relacionará, a partir da obra supracitada de Adorno e Horkheimer, o mito do esclarecimento às psicologias do Eu; por fim, deter-se-á ao artigo "Sobre a relação entre psicologia e sociologia" (1955), pois nele pode-se encontrar tanto a crítica de Adorno quanto sua conceituação do Eu, que, em sua perspectiva, é um conceito dialético, psíquico e não psíquico.

**Palavras-chave:** Theodor W. Adorno. Esclarecimento. Psicanálise. Sujeito Psicológico. Mito.

**Abstract**

For Adorno and Horkheimer, an imperative of synthesis is constitutive of the Enlightenment (*Aufklärung*), that is, it confines the multiplicity of the effective to certain principles. Man would become the master of the universe by completely dominating nature and conquering it through the use of instrumental reason. However, man is also subjected to this same process: just as with various natural phenomena, all human drives are reduced to a single principle, the principle of the Ego (*das Ich*). Thus, this article will proceed in

two stages: first, it will relate, based on the aforementioned work of Adorno and Horkheimer, the myth of enlightenment to the psychologies of the Ego; finally, it will focus on the article "On the Relationship Between Psychology and Sociology" (1955), since in it one can find both Adorno's critique and his conceptualization of the Ego, which, in his perspective, is a dialectical, psychic and non-psychic concept.

**Keywords**: Theodor W. Adorno. Enlightenment. Psychoanalysis. Psychological Subject. Myth.

"A psicologia do século XIX herdou da *Aufklärung* a preocupação de alinhar-se com as ciências da natureza e de encontrar no homem o prolongamento das leis que regem os fenômenos naturais"
(Foucault, 1999, p. 122)

## Introdução — Adorno e a teoria crítica: 100 anos de uma tradição filosófica

De início, para adentrarmos nas questões propostas no resumo do presente artigo, acreditamos que seja importante expor brevemente um panorama histórico da chamada *Escola de Frankfurt*, com ênfase no lugar de destaque que Theodor W. Adorno (1903–1969) ocupou — que, em certa medida, continua a ocupar nos estudos empreendidos pelas gerações posteriores, ou, ao menos, segue a influenciá-los — na teoria crítica (*Kritische Theorie*), uma vez que figurou enquanto um dos principais teóricos da chamada primeira geração, na qual também se incluem Max Horkheimer (1895–1973), Herbert Marcuse (1898–1979), Friedrich Pollock (1894–1970), Erich Fromm (1900–1980), Otto Kirchheimer (1905–1965), mas também Walter Benjamin (1892–1940): apesar de suas diferenças, segundo Horkheimer, diretor mais longevo do *Institut für Sozialforschung*, o que os unia era "uma abordagem crítica para com a sociedade existente" (*apud* Jay, 1973, p. xi)[1]. Antes, contudo, dois adendos:

1) Primeiro, uma observação de caráter metodológico: o trabalho que aqui apresentamos alinha-se às características de uma pesquisa bibliográfica explicativa, isto é, objetiva-se "descrever as características de determinado fenômeno [e] estabelecer relações entre as variáveis [deste objeto]" (Barbosa; Costa, 2015, p. 33). Em nosso caso, tal objeto diz respeito à análise da crítica do sujeito psicológico de Adorno contida em seu artigo "Sobre a relação entre psicologia e sociologia" (1955), e como podemos relacionar sua definição de psicanálise como "antipsicologia" à noção do esclarecimento, que segundo Adorno e Horkheimer, não passa do outro lado do mito, supostamente superado pelo triunfo do uso da razão instrumental nas sociedades burguesas contemporâneas. Certamente, não nos basearemos somente no artigo supramencionado, dado que uma leitura

[1] A tradução das passagens de obras referenciadas em língua estrangeira é de responsabilidade do autor.

exclusivamente interna desse texto não possibilitaria uma compreensão apropriada e, na medida do possível, completa, da problemática que se propõe a elucidar. Para tanto, a bibliografia secundária — como os trabalhos de Dahmer (2012), Duarte (2002), Roberts (2004), Seligmann-Silva (2009), entre outros — é crucial para embasar e fundamentar teoricamente nosso artigo, na medida que se detém a diversas questões do pensamento adorniano, não somente a relação entre Adorno e a psicanálise, mas também comentam sobre a *Dialética do esclarecimento*, obra complexa e permeada de intertextualidade com a tradição filosófico-literária do Ocidente — Homero, Nietzsche, Sade;

2) Segundo, um apontamento histórico, o qual se apresenta, ao nosso ver, como uma sólida justificativa para a elaboração do presente trabalho, isto é, a ocasião do recente centenário do *Institut für Sozialforschung*, fundado em 1923 por Felix Weil (1898–1975) em Frankfurt am Main. Ora, dado o longo percurso do que hoje convencionou-se denominar de teoria crítica — por conta da pluralidade de suas temáticas e o fato de não se limitar somente ao Instituto em Frankfurt, e dado seu longo percurso ao longo do século XX e XXI —, acreditamos que seja relevante ressaltar a crítica adorniana ao sujeito psicológico, na medida em que a psicanálise foi compreendida, em especial para a primeira geração, como uma teoria fundamentalmente crítica, a qual, por sua vez, possibilitou analisar as questões prementes de sua época: pode-se mencionar a densa presença de conceitos advindos diretamente do vocabulário freudiano, no quinto capítulo da *Dialética do esclarecimento*, intitulado "Elementos do antissemitismo", como *neurose*, *projeção*, *sistema alucinatório*, entre outros (não por outro motivo, que a primeira citação desse capítulo é o célebre artigo de Freud, publicado em 1919, *Das Unheimliche*[2]). Entretanto, sabe-se que Adorno também tece uma crítica à psicanálise, porém, não trataremos dela, em razão de que tal tratamento se deslocaria em demasiado do escopo estabelecido para o presente artigo, uma vez que visamos somente esclarecer e elucidar a crítica que Adorno empreende ao sujeito psicológico, não à psicanálise[3]. Por conseguinte, tratemos brevemente sobre a história da Escola de Frankfurt, sobretudo a história da primeira geração, que, *grosso modo*, costuma ter seu fim marcado pela morte de Adorno em 1969.

Para percorrermos esta história primeva da *Frankfurter Schule*, basear-nos-emos sobretudo em duas obras: *The Dialectical Imagination* (1973) de Martin Jay; e *A Escola de Frankfurt* (2002)

[2] Cf. FREUD, Sigmund. O Infamiliar | Das Unheimliche (1919). *In*: FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos*. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-125.
[3] Para um tratamento completo e detalhado da recepção da psicanálise por Adorno, Cf. BOCK, Wolfgang. *Dialektische Psychologie*: Adornos Rezeption der Psychoanalyse. Wiesbaden: Springer VS, 2018.

de Rolf Wiggershaus. A primeira, dadas as condições bibliográficas de seu tempo, limita-se até o ano de 1950; do outro lado, a vasta pesquisa de Wiggershaus estende-se até o início dos anos 1970, visto que à época de sua elaboração, o filósofo alemão contava com um material bem maior para sua pesquisa — conforme menciona, ele pôde se valer de "uma série de publicações recentes de textos da Escola de Frankfurt, por exemplo, a pesquisa de Fromm, [...] os *Gesammelte Schriften*, de Walter Benjamin [...] ou a publicação de trabalhos inéditos de Horkheimer" (Wiggershaus, 2002, p. 40), além de um vasto material de arquivo. Isto posto, tratemos do contexto político-econômico da Alemanha ao início dos anos 1920, já que é fundamental levar em conta essa espécie de "pré-história" do Instituto para compreendermos o pano de fundo que levou à fundação do Instituto de Pesquisas Sociais, marcado sobretudo pela situação alemã pós-Primeira Guerra Mundial. Nesse cenário, torna-se imperativo lembrarmos do Tratado de Versalhes[4], assinado em 1919, que pôs fim à Grande Guerra. Nele, a Alemanha foi responsabilizada integralmente pelo conflito, e deveria "pagar por todos 'os danos causados à população civil'" (Becker, 2011, p. 64). Porém, essa e as demais condições contidas no tratado eram impraticáveis, o que levou o país à crise econômica e, consequentemente, à instabilidade social. Ademais, Jay (1973, p. 3) argumenta que o sucesso inesperado da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia "criou um sério dilema para aqueles que previamente foram o centro do marxismo europeu, os intelectuais de esquerda da Alemanha", uma vez que, segundo Marx[5], a principal condição para a superação do capitalismo seria o crescente aumento das contradições engendradas pelo sistema capitalista de produção, o que não se verificava na Rússia à época de sua revolução bolchevique. Dentre estes intelectuais, encontrava-se o jovem Felix Weil. Filho de Hermann Weil, um rico comerciante de grãos, em 1919 — período final da *Novemberrevolution*, durante o conturbado estabelecimento da República de Weimar —, Felix estudava economia e ciências sociais em Tübingen, onde teve contato com Robert Wilbrandt (1875–1954), importante socialista universitário (*Kathedersozialist*). Em resumo, Felix Weil

> fazia parte daqueles jovens que, politizados pelo fim da guerra e a revolução de novembro, *estavam convencidos da factibilidade e da superioridade do socialismo* como forma mais elevada da economia e se dedicavam ao estudo das teorias socialistas para, *assim armados, poder ocupar o mais depressa possível uma posição dominante no movimento operário* e, eventualmente, numa sociedade socialista (Wiggershaus, 2002, p. 45, grifo nosso).

[4] Para um trabalho historiográfico minucioso acerca do tratado que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, Cf. BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
[5] Como introdução ao marxismo, que para os pensadores da teoria crítica já está pressuposta, Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Trad. Álvaro Pina. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 1998.

À vista disso, sem dúvidas, ele procurava contribuir à teoria marxista, e o fez objetivamente — financiado por seu pai Hermann — através da criação do *Institut für Sozialforschung* em 1923, pois acreditava ser necessário "institucionalizar a discussão marxista para além das limitações da ciência burguesa e da estreiteza de espírito ideológico de um partido comunista" (Wiggershaus, 2002, p. 48). Em poucas palavras, o que determinou o sucesso da criação do Instituto "foram a boa vontade do apoio ministerial e, principalmente, a generosidade da doação do fundador numa época de miséria e de restrições financeiras" (Wiggershaus, 2002, p. 51). Nesses primeiros anos, a Escola de Frankfurt preocupou-se principalmente "na análise da infraestrutura socioeconômica da sociedade burguesa" (Jay, 1973, p. 21). Não obstante, na década que se seguiu, de modo geral, o interesse principal de seus pesquisadores passa a ser sobre a superestrutura cultural[6] dessas sociedades: é neste momento, portanto, que a figura de Theodor W. Adorno se torna proeminente, embora só tenha se juntado ao Instituto, oficialmente, em 1938. Assim como Horkheimer, com quem irá partilhar a autoria da *Dialética do esclarecimento*[7], Adorno "combinava uma mente rigorosamente filosófica com uma sensibilidade mais estética que científica" (Jay, 1973, p. 22), o que transparece em sua vasta produção sobre música, uma vez que, dada sua biografia — os estudos de piano desde a infância com a supervisão de Bernhard Sekles (1872–1934); sua estadia de três anos em Viena, onde pôde estudar composição musical com Alban Berg (1885–1935) —, inclinou-o nessa direção. No entanto, após retornar a Frankfurt em 1925, Adorno "não abandonou ainda completamente seu projeto de tornar-se músico, mas cultivou cada vez mais a esperança de fazer carreira universitária em filosofia, *provavelmente centrada na estética*" (Wiggershaus, 2002, p. 112, grifo nosso). Posto este breve percurso histórico, tratemos da primeira questão posta acima, isto é, a partir da retomada da tese principal de Adorno e Horkheimer contidas na *Dialética*, buscaremos estabelecer os aspectos da relação entre o mito do esclarecimento às psicologias do Eu.

## *Die Aufklärung* e *das Ich*: o sujeito como mito

Como ponto de partida, uma passagem de Adorno e Horkheimer: "Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, o sujeito" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 19). Para compreendermos o que significa, nesse contexto, o conceito de sujeito, necessita-se primeiro entender o que os autores da *Dialética* concebem por *esclarecimento*

[6] Martin Jay ressalta que a teoria crítica questiona a tradicional formulação marxista entre *infraestrutura* e *superestrutura*. Para mais detalhes sobre essa crítica, Cf. JAY, Martin. Toward a Philosophy of History: The Critique of the Enlightenment. *In*: JAY, M. *The Dialectical Imagination*: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923-50. London: Heinemann, 1973, p. 253-280.
[7] A partir de agora, esta obra será referenciada somente como *Dialética*.

(*Aufklärung*), noção em torno da qual desenvolveram esse trabalho, atualmente considerado um clássico na tradição da teoria crítica, sobretudo em relação às publicações da primeira geração. Outrora, porém, ambos os pensadores já advogaram em favor do esclarecimento:

> Horkheimer, do *Aufklärung* francês que desmascara a hipocrisia e a injustiça social, Adorno, do *Aufklärung* que traziam à tona tudo o que era pulsional, sombrio, abafado, inconsciente, e os dois o eram de Marx, que desvelava o condicionamento socioeconômico da emancipação humana (Wiggershaus, 2002, p. 356).

Todavia, o projeto esclarecido veio a fracassar ainda na primeira metade do século XX. Segundo Roberts (2006, p. 57), deve-se ter em mente, como pano de fundo para a reflexão contida na *Dialética*, dois acontecimentos históricos: primeiro, a barbárie perpetrada pelo regime nazista (1933–1945); segundo, não menos relevante, o exílio de Adorno e Horkheimer nos Estados Unidos — e a consequente transferência da sede do Instituto —, onde puderam observar de perto o "capitalismo despudorado de livre mercado" estadunidense. O objetivo geral da *Dialética* está claramente exposto na primeira página de seu prefácio, onde lê-se as seguintes palavras: "o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que *descobrir por que a humanidade*, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, *está se afundando em uma nova espécie de barbárie*[8]" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 11, grifo nosso). Em outras palavras, nessa obra, os pensadores buscaram refletir sobre e responder à seguinte questão: como, após os grandes avanços das ciências ao longo do século XIX, ou mesmo da filosofia, como a magnânima obra de Hegel, o maior pensador da Razão, a humanidade mergulha em tamanha barbárie, que acaba por produzir a *Shoah*, essa "produção em escala industrial de corpos", conforme enunciam posteriormente Giorgio Agamben (1942–) e Primo Levi (1919–1987)?

De antemão, deve-se compreender o que Adorno e Horkheimer entendem por *dialética*. Para Wiggershaus (2002, p. 357), não se trata de descartar por completo a ideia de esclarecimento, já que os autores "não desejavam jogar fora o bebê com a água do banho, mas simplesmente demonstrar a ambiguidade do *Aufklärung*", que diz respeito fundamentalmente ao jogo dialético entre mito e esclarecimento. Ao fim e ao cabo, "o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 15). Por conseguinte, este retorno à mitologia — quando se supunha estar mais afastado dela, no período de apogeu das sociedades burguesas esclarecidas — é a tese central cujos dois filósofos buscam demonstrar ao longo da *Dialética*. Isto

[8] Por barbárie, termo por vezes traduzido como catástrofe, "segundo a terminologia de Benjamin e Adorno, [entende-se] o sinônimo da dominação do mítico" (Wiggershaus, 2002, p. 358).

posto, por quais razões seria o sujeito nada menos que o resultado da redução de todas as figuras míticas a um denominador comum? Na medida em que o esclarecimento é totalitário, i. e., nele não deve haver nada fora de seu alcance, muito menos algo que não se possa conhecer (e conhecer, na lógica do esclarecimento, é dominar) na natureza, o universo é concebido a partir da perspectiva de que é como "um campo de exploração sistemática a partir de um entendimento que se restringe cada vez mais, *buscando sempre a redução da multiplicidade das coisas à unidade do pensamento*" (Duarte, 2002, p. 27, grifo nosso).

Ora, não é por outra razão que o número se torna seu cânon. Caracterizada sobretudo por sua economia de mercado, a sociedade capitalista é integralmente dominada pela equivalência[9], pois "ela torna o heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 20). Deste modo, no âmbito psicológico, não ocorre um processo distinto daquele que se refere às trocas comerciais: todas as pulsões humanas, vontades, afecções, sentimentos, devem ser reduzidas a um único princípio, i. e., o Eu (*das Ich*). Assim, mesmo que tenha "perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 17), o esclarecimento acaba por submetê-los à unidade, ao Mesmo[10], em suma, ao Eu, princípio que acaba por se revelar uma ficção, tal qual os antigos mitos gregos. Postas estas considerações, passemos, pois, às considerações de Adorno sobre este princípio, com enfoque em seu artigo "Sobre a relação entre psicologia e sociologia" (1955).

## A psicanálise como "antipsicologia": a crítica adorniana à psicologia

Conforme Dunker delineou na apresentação da edição brasileira dos *Ensaios de psicologia social e psicanálise* de Adorno, o filósofo alemão "alinha-se ao empreendimento consagrado pela epistemologia marxista [...] *que buscava uma teoria crítica do sujeito psicológico*" (2015, p. 13, grifo nosso). À época, a psicanálise figurava enquanto uma potente alternativa à tradição da psicologia universitária, que se detinha sobremaneira à "descrição de processos mentais, divididos em funções psíquicas que redundaram em uma atomização da experiência" (Dunker, 2015, p. 13).

[9] Como exemplo, basta considerarmos a moeda, como o real brasileiro, unidade através da qual todas as mercadorias equiparam-se: quer dizer, o valor de todas elas, por mais distintas que sejam entre si, é sempre mensurado a partir da mesma unidade, isto é, a unidade monetária.

[10] No esteio das reflexões de Adorno e Horkheimer, pode-se afirmar que em seu *Homem unidimensional,* Marcuse aprofundou o diagnóstico de época contido na *Dialética* — claro, tendo em vista especialmente a sociedade estadunidense —, identificando que tal imperativo de síntese e homogeneização impôs à existência humana uma unidimensionalidade, própria das sociedades que chamou de "industriais avançadas". Para melhor compreender os aspectos dessa unidimensionalidade, Cf. MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional*: estudos da ideologia na sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

Ademais, é importante ressaltar a já mencionada estadia de Adorno em Viena, quando ele entra em contato com a psicanálise[11] — em especial, com a teoria freudiana —, até então uma força emergente entre os círculos intelectuais. Porém, o artigo que nos propomos a analisar, *Psicanálise revisada*, publicado em 1952, diz respeito a um segundo contato do filósofo alemão com a psicanálise, após sua estadia nos Estados Unidos. Quer dizer, "a controvérsia em torno das regras de formação, as querelas teóricas e a polêmica em torno da apropriação do legado de Freud tornavam a psicanálise norte-americana dos anos 1940-1950 um assunto complexo e politicamente explosivo" (Dunker, 2015, p. 14). Em sua revisão, Adorno analisa e critica a tendência que chama de culturalista, neofreudiana, em suma, revisionista. Dentre estes, encontram-se o já mencionado Erich Fromm, mas também Karen Horney  85–1952) e Erik Erikson (1902–1994). Segundo Dunker bem ressalta, "Adorno é um dos primeiros a perceber a complexidade do processo de imigração dos psicanalistas, os impasses trazidos pela disseminação cultural da psicanálise, bem como as negociações 'revisionistas' que foram oferecidas em troca de subsistência" (Dunker, 2015, p. 17). Assim, dado esse contexto, tratemos de compreender, a partir dos apontamentos de Laplanche (2001), o que é o conceito freudiano de Eu (*das Ich*), "entendido pelos pós-freudianos como uma lacuna na teoria psicanalítica" (Dunker, 2015, p. 25).

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), sabe-se que há em Freud duas teorias sobre a constituição do aparelho psíquico: uma primeira, concerne aos sistemas inconscientes e pré-consciente; uma segunda, trata acerca das três instâncias: id, ego[12] e superego. Certamente, o pai da psicanálise já utilizava tal palavra em seus primeiros escritos, porém "afirma-se que isso acontecia, geralmente, de forma pouco especificada, pois o termo designava então a personalidade no seu conjunto" (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 125). Destarte, apesar de já aparecer em suas primeiras obras, a "virada" de Freud em relação a tal noção dá-se em 1920, em sua obra relativamente tardia, pois "é só com a chegada dos problemas relativos às psicoses [...] que Freud reconhece que a teoria da gênese de sintomas não pode prescindir de uma patologia da formação do Eu" (Dunker, 2015, p. 25). Portanto, para finalizarmos este breve excurso, citemos a definição freudiana de ego:

[11] Para um tratamento mais completo acerca da perspectiva adorniana em relação à psicanálise, Cf. DAHMER, Helmut. Adorno's view of psychoanalysis. *Thesis Eleven*, No. 111(1), 2012, p. 97–109. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0725513612453422. Já para uma perspectiva detida sobre a integração da psicanálise à teoria crítica, Cf. JAY, Martin. The Integration of Psychoanalysis. *In*: JAY, Martin. *The Dialectical Imagination*: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923-50. London: Heinemann, 1973, p. 86–112.

[12] Apesar de Laplanche e Pontalis utilizar em seu *Vocabulário da psicanálise* a palavra portuguesa *ego*, como tradução de *das Ich*, atualmente têm-se preferência pela palavra *Eu*. No presente trabalho, deve-se compreender *ego* e *Eu* como sinônimos intercambiáveis, sem distinção em seu sentido.

> O ego é concebido antes de mais nada como um aparelho de regulação e de adaptação à realidade, cuja gênese se procura descrever, por processos de maturação e de aprendizagem, a partir do equipamento sensório-motor do lactente (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 134).

Assim, por quais motivos Adorno (2015, p. 107) considera tal conceito como "dialético, psíquico e não psíquico"? Em sua interpretação, a questão central é que Freud deixa escapar essa dialética, cuja contradição mais evidente é a de que "o Eu inclui o que a consciência realiza, mas também é representado essencialmente como inconsciente" (Adorno, 2015, p. 107). Em direção análoga àquela tomada por Jacques Lacan (1901-1981), Adorno considera que "o Eu deve ser desconstruído (*abbauen*). Longe de ser uma instância frágil na neurose, ou desarmônica na psicose, *o Eu é desde sempre demasiadamente forte*" (Dunker, 2015, p. 27, grifo nosso). Apesar disso, a solução deles distingue-se, uma vez que Adorno "prefere manter o conceito de indivíduo, como forma de estudar sua autocontradição" (Dunker, 2015, p. 28). Além disso, o que os aproxima é precisamente "uma apreensão dialética, negativa[13], da tarefa teórica e de suas condições de possibilidade prática" (Dunker, 2015, p. 28). Portanto, quando Adorno afirma que "o Eu incide também na psicologia como forma de organização de todas as moções psíquicas, como princípio de identidade" (2015, p. 107), é claramente identificável que essa noção, como princípio que reduz a multiplicidade ao único, relaciona-se diretamente àquelas características supramencionadas do esclarecimento. Reside nesse *das Ich*, portanto, dimensões tanto positivas quanto negativas, já que ele comporta a contradição, pois é ao mesmo tempo consciente e inconsciente, e, "por sua própria estrutura, o Eu é predisposto a um duplo papel, *como suporte da realidade ele sempre também é não Eu*". (Adorno, 2015, p. 109, grifo nosso).

## Conclusão: a atualidade de Adorno

A filosofia de Adorno continua a ressoar de maneira profunda e relevante na contemporaneidade, uma vez que oferece uma perspectiva crítica que ilumina as contradições das sociedades capitalistas. Em colaboração com Horkheimer, desenvolveu uma crítica contundente à razão instrumental e à dominação através da indústria cultural, denunciando o caráter alienante e homogeneizante dessa influência: no século XXI, em um mundo cada vez mais dominado pela massificação, pela lógica do consumo e pela perda da individualidade autêntica, as reflexões adornianas sobre a dialética entre cultura e barbárie ganham um novo vigor: como afirma

[13] Acerca da dialética negativa de Adorno, que se afasta e se distingue daquela elaborada por Hegel, Cf. NOBRE, M. S. *A ontologia do estado falso*: a dialética negativa de Theodor W Adorno. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Acesso em: 10 abr. 2026.

Seligmann-Silva (2009, p. 118), "Adorno nos instrumentaliza com ferramentas afiadas para pensar essa barbárie tal como ela é reencenada pelas artes de um modo geral", e, para além das artes, possibilita pensar a própria experiência da contemporaneidade. Além disso, sua ênfase na dimensão estética como espaço potencial de resistência e transformação destaca-se diante de uma sociedade progressivamente mais mediada pelas redes sociais.

Portanto, é possível afirmar seguramente que a atualidade do pensamento de Adorno situa-se sobretudo em sua capacidade de desvelar as estruturas opressivas da sociedade contemporânea, e se não nos move em direção a uma resistência fundamentada na reflexão, ao menos nos indica as sendas que levam à verdadeira emancipação. Em síntese, "*toda verdadeira filosofia traz consigo a exigência de pensar a partir de um acontecimento portador de promessas instauradoras*" (Safatle, 2021, p. 163, grifo do autor), e a filosofia de Adorno o faz com maestria e rigor únicos: sua crítica ao *das Ich*, por conseguinte, possibilita repensarmos nossa experiência no capitalismo tardio, na medida em que demonstra que tal instância não passa de uma ficção, por mais reforçada que essa ideia seja.

**Referências**

ADORNO, Theodor W. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARBOSA, Evandro; COSTA, Thaís Christina Alves. *Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia*. Pelotas: NEPFIL online, 2015.

BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOCK, Wolfgang. *Dialektische Psychologie*: Adornos Rezeption der Psychoanalyse. Wiesbaden: Springer VS, 2018.

DAHMER, Helmut. Adorno's view of psychoanalysis. *Thesis Eleven*, No. 111(1), 2012, p. 97–109. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0725513612453422. Acesso em: 10 abr. 2026.

DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & A dialética do esclarecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Apresentação à edição brasileira. *In*: ADORNO, Theodor W. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 11–38.

FOUCAULT, Michel. A Psicologia de 1850–1950. *In*: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito*: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 122–139.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar | Das Unheimliche (1919). *In*: FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos*. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27–125.

JAY, Martin. *The Dialectical Imagination*: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923–50. London: Heinemann, 1973.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional*: estudos da ideologia na sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Trad. Álvaro Pina. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 1998.

NOBRE, Marcos Severino. *A ontologia do estado falso*: a dialética negativa de Theodor W Adorno. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROBERTS, Julian. The dialectic of enlightenment. *In*: RUSH, Fred (ed.). *The Cambridge Companion to Critical Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 57–73.

SAFATLE, Vladimir. Theodor Adorno: a unidade de uma experiência filosófica plural. *In*: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang. (orgs.). *Pensamento alemão no século XX*: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 151-169.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Theodor W. Adorno. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 81–124.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt*: história, desenvolvimento teórico, significação política. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

**Recebido: 15-01-2026**

**Aceito: 23-07-2026**